

**O movimento dos olhares vigilantes sobre os corpos adornados destoantes:
uma breve análise do curta-metragem Banana**

*The movement of watchful eyes on the adorned distillers bodies:
a brief analysis of the short film Banana*

Baga de Bagaceira Souza CAMPOS¹
Renata Pitombo CIDREIRA²
Cristiane Clécia Junqueira de CARVALHO³

Resumo

Esta publicação tem como questão norteadora a comunicabilidade da roupa, na sua relação com o corpo trans, na formação e composição da aparência. Enquanto problema de pesquisa destacamos, aqui, o fato da roupa ser um produto que possibilita movimento e comunicação, nas (re)configurações que anunciam a desestruturação ao corpo coerente. Entre os objetivos desta pesquisa estão o de apontar os caminhos para tornar possível a compreensão do corpo adornado da travesti, revelando o que está por trás das formas que insistem em negligenciar o corpo com as suas vestes, num intenso embate entre desobediência e dispositivos de normativizações. A metodologia aplicada ao trabalho desenvolve-se através de pesquisa de caráter bibliográfico apoiado na literatura sobre a comunicação midiática das vestes, dos imaginários sociais, tendo como foco de análise o curta-metragem Banana (PEREIRA, 2017).

Palavras-chave: Banana. Mídia. Sensibilidades. Vestimenta.

Abstract

This publication has as guiding question the communicability of clothing, in its relation with the trans body, in the formation and composition of appearance. As a research problem, we emphasize here the fact of clothing is a product that enables movement and communication in the (re) configurations that announce the destructuring of the coherent body. Among the objectives of this research are to point out ways to make possible the comprehension of the transvestite body, revealing what is behind the forms

¹ Mestrando do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. E-mail: bagadebagaceira1992@gmail.com

² Doutora em Comunicação e Cultura Contemporâneas (FACOM/UFBA). Professora da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Líder do grupo de pesquisa Corpo e Cultura (cadastrado no CNPq) e autora de Os sentidos da moda (Annablume, 2005) e A sacração da aparência (EDUFBA, 2011). E-mail: pitombo@yahoo.com

³ Mestranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. E-mail: ccarvalho@outlook.com

that insist on neglecting the body with its robes, in an intense clash between disobedience and normativization devices. The methodology applied to the work is developed through research of a bibliographical character supported in the literature on the media communication of the garments, of the social imaginaries, having as focus of analysis the short film *Banana* (PEREIRA, 2017).

Keywords: Banana. Media. Sensibility. Clothes

Introdução

O diálogo proposto nesta comunicação é a defesa da vestimenta enquanto mídia e pertencente a uma relação estabelecida sempre com o corpo. Explicitando, assim, o que resgatamos na *composição da aparência* (CIDREIRA, 2005) e como a mesma é subjugada dentro de parâmetros vigilantes aos corpos adornados ditos destoantes ou desobedientes em suas formas e sua designação ao nascimento.

Primeiramente, façamos o exercício de pensar o que seria, talvez, a roupa dita masculina e a feminina. Até onde vão esses parâmetros de definição da vestimenta? É verdade que esta problematização nos aponta para um trabalho provocador sobre os olhares que insistem em apontar as demarcações vestimentares inatas, mesmo quando tais corpos divergem desta tal concepção biológica.

Ainda, é certo que determinadas questões estão enraizadas em nossa cultura e que, conseqüentemente, são reproduzidas nas experiências sociais do corpo-mídia. Desse modo, os valores morais e paradigmáticos sobre a conformidade dos gêneros e seus papéis nos modos de vestir tornam-se difíceis de se desvencilharem de estigmas, etc. Tais marcas apresentam, portanto, uma noção da roupa de forma pré-determinada ao “sexo” designado no nascimento (ou até antes dele).

A roupa, enquanto ferramenta sensível e de luta, se mostra potencializadora frente aos discursos que beiram o dissenso e nos faz refletir sobre um lugar ao qual precisamos apresentar, transformar. Aqui, destacamos o papel político-afetivo das vestes em expressar as sensibilidades necessárias para existência dos sujeitos e sujeitas colocados/as às margens, em suas realidades tão massacradas e silenciadas sistematicamente.

Potencializada a partir do curta-metragem *Babana* (PEREIRA, 2017), abordamos as dimensões e regimes do sensível da personagem *Banana*, tomadas como argumentação fílmica principal as suas experiências vestimentares. A abordagem se

apresenta a partir de seu corpo político na imagem e na construção de uma mirada que visibilize a existência de seu corpo e vestes.

Quem tem medo de Banana?

Em uma adaptação inspirada na introdução do livro *Travesti: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil*, de Don Kulick, o curta-metragem *Banana* (PEREIRA, 2017) extasia não somente pela atuação, mas também pela sensibilidade com que trata a temática sobre travestis. As cenas são montadas sem muita pressa, no intuito de trabalhar as diversas potencialidades cênicas e corporais que ali se fazem presentes.

Com direção, figurino e direção de arte de Marvin Pereira e produção de Allan da Silva, Vinny Nepomuceno, Geilane Oliveira e Larissa Leão, o curta-metragem foi selecionado para diversas mostras, entre elas o 13º Festival Taguatinga de Cinema e a 16ª Mostra de Audiovisual Universitário da América Latina - UFMT. Em poucos minutos o filme consegue despertar nossas emoções e nos envolver com as resenhas contadas por Banana e Don, vividas gentilmente pelos atores Leandro Alex e Jefferson Batista.

Fig. 1 Frame de conversa entre Don e Banana



Fonte: curta-metragem *Banana* (MarvinPereira, Bahia, 2017)

As cenas refletem o universo da travesti Banana no Pelourinho, em Salvador, numa produção cinematográfica que faz questão de diluir os pudores e as diferenças. Elas operam na/com vontade de amar, de contar, de libertar e embelezar seu corpo. A sua imagem nua luta na tela por visibilidade, é ali o seu corpo-resistência, destruindo a

naturalização ao genital enquanto marcador determinante dos gêneros.

O "sexo" é, pois, não simplesmente aquilo que alguém tem ou uma descrição estática daquilo que alguém é: ele é uma das normas pelas quais o "alguém" simplesmente se torna viável, é aquilo que qualifica um corpo para a vida no interior do domínio da inteligibilidade cultural. (BUTLER, 2000, p. 152).

Como mencionado acima, as afirmações de Judith Butler se mostram evidentes a partir do momento que pensamos as formas possíveis dirigidas ao corpo sexuado. Exibem o modo como lidamos com os ditos sexos designados ao nascimento e como estes possuem forte relação em nossas vidas e podem não representar o que esperaram que fôssemos nos tornar. A categoria do sexo, como nos afirma Butler é, desde o início, indício de normatização (BUTLER, 2000, p. 151).

Entre um gole de café e o trago no cigarro, Banana vai se arrumando ao tempo que veste em seu corpo um esplêndido vestido preto, que esconde de um lado a tesoura e do outro a camisinha, e que, assim, recriam os pequenos e simples modos do seu cotidiano. A sua roupa é a sua existência e sobre ela desenham-se a plasticidade que envolve as suas saídas de um mundo preconceituoso para um lugar de reconhecimento.

Fig. 2 Frame de Banana colocando a roupa sobre os cheiros de seus incensos



Fonte: curta-metragem *Banana* (MarvinPareira, Bahia, 2017)

Ali, a roupa funciona como um aporte e sustentação de seu corpo, ao qual deve carregar também o cheiro. Vislumbramos, desse modo, a roupa, portanto, como extensão da pele (MCLUHAN, 2005). A experiência estética de sua aparição vai sendo

formada, justamente, enquanto potência de seus significados e daquilo que representa suas formas sensíveis. A sua roupa apresenta-se como “um manifesto não-verbal de subversão política” (MCLUHAN, 2005, p. 142).

Fig. 3 Banana em frente ao espelho dando os últimos ajustes no visual



Fonte: curta-metragem *Banana* (MarvinPareira, Bahia, 2017)

Longe de esgotar sua potencialidade e em posicionamentos de câmera que parecem nos aproximar, se constrói uma narrativa que liga as duas personagens em sua íntima relação de amizade. Cenas certeiras e que intercaladas com o cenário brilhante das imagens de orixás, evidenciam a exuberância de Banana que invade a tela e nos provoca em sua poética. A entrega aos personagens se mostra de forma afetuosa, e que, ao mesmo tempo, corporifica a presença desse corpo político nessa constelação de sentimentos mútuos. Um olhar delicado e cuidadosamente trabalhado, para envolver o público e provocá-los.

Movimentos vigilantes sobre o corpo adornado

A roupa fala, e fala muito. A roupa faz parte de nossas existências. Segundo Umberto Eco, “o vestuário é comunicação” (1982, p. 7), é linguagem, é fala. Fazemos associações, mesmo com o corpo despido, numa relação sempre com o adorno. A roupa nessa nossa comunicação é pensada sobre àqueles/as ao qual suas existências tornam-se negadas e a sua própria combinação de cores, formas, texturas são em boa parte, ridicularizadas. Portanto, a projeção de seu corpo adornado potencializa o próprio

campo político de sua existência.

Em um devir incessante onde há, sem sombra de dúvida, a concepção de que as formas se constroem sobre os parâmetros minuciosos do compor, encontramos um sentido potencial que se traduz nos movimentos de vigiar o outro e de perceber as nuances a partir das instâncias de controle e punição (FOUCAULT,2013). Nesse devir incessante de controles, o documentário oferece subsídios que se traduzem em resistência diante das complexidades punitivas do olhar.

De que maneira somos conduzidos a olhar e ler o outro? Infelizmente, nos modos de uma excessiva normatização. O que convém pensar é que o olhar pode se estender, se desdobrar e começar a visualizar e sentir novas formas de conhecer e perceber o outro, mesmo com todo esse sistema violento de controle das percepções ativas do olhar. Em meio as “sociedades da disciplina” (DELEUZE,1992), o ritual de composição visual e estética da personagem Banana, se apresenta como um meio de decodificar dentro de um dispositivo visual, aquilo que foge aos controles midiáticos, aquilo que não está presente nas telonas de forma recorrente.

Na produção do curta, sentimos a cotidianidade e somos atingidos sobre as multiplicidades de um ver que é bloqueado pelas esferas duras de uma pseudo “concepção de normatividade”, pois estamos imersos em um movimento contemporâneo que se apresenta, segundo Sônia Regina Mansano, assim:

A busca da “boa aparência” pode tomar contornos até mesmo persecutórios, pois a simples exposição do corpo no cotidiano é suficiente para determinar se o indivíduo está dentro ou fora da moda. Assim, qualquer pessoa que compartilhe tais valores é capaz de julgar aqueles com os quais convive, visto que a exposição é inevitável. A estimulação ao julgamento e a competitividade ganha dimensões ainda mais evidentes na contemporaneidade, tanto na esfera individual quanto na coletiva. (MANSANO, 2007, p. 65)

Diante disso, percebemos que o movimento que o curta-metragem alcança é uma tentativa de atravessar as amarras de um controle que atinge as ações do indivíduo, a sua autoestima e, conseqüentemente, sua subjetividade. O curta-metragem se traduz em sensibilidade, na medida em que apresenta um conglomerado de sentimentos, signos e interpretações.

Dentro de um sistema panóptico já alertado por Foucault (2013), parece que

estamos sempre atravessando uma linha tênue, que nos amedronta. Estamos sempre induzidos por limites. Limites ao sentir, ao ver e ao perceber. Somos levados por um movimento do olhar que pune, vigia e controla. Nesse sentido, o documentário muito mais que imagens e diretrizes cinematográficas, exhibe um movimento perceptivo que está profundamente atrelado a todos os elementos presentes naquelas imagens que vai desde um fator de gesticulação aos modos como é composta a aparência da personagem. Carinho, afeto e visualidade colorida, em um cenário de extrema visibilidade são caracterizados como categorias de segundo plano.

Segundo Michel Foucault:

A disciplina é uma técnica de poder que implica uma vigilância perpétua e constante dos indivíduos. Não basta olhá-los às vezes ou ver se o que fizeram é conforme à regra. E preciso vigiá-los durante todo o tempo da atividade e submetê-los a uma perpétua pirâmide de olhares. (FOUCAULT, 2007, p. 106).

Quando nos deparamos com narrativas como esta, de alguma maneira somos estimulados a dilatar nosso olhar para novas formas de ver e perceber. Somos convidados a sair da zona de conforto e nos questionarmos sobre o que e como as instâncias de controles, sobre os muros invisíveis, insistem em nos amedrontar. Nesse sentido, de extremo controle do olhar, compreendemos que:

À medida que a lógica institucional se espalha é a própria noção de indivíduo que sofre mudanças. Agora já não mais se exige dele uma identidade. Ao contrário, o indivíduo precisa comparecer de maneira cada vez mais variada e flexível para dar conta de realizar diferentes tarefas e assumir diferentes papéis sociais ao mesmo tempo. (MANSANO, 2007, p. 29)

Estamos, desse modo, sendo controlados pelo olhar do outro. Esse olhar que nos aponta sobre as maneiras pelas quais devemos nos apresentar socialmente. Está imbricado, portanto, um fazer que estimula e controla nossos jeitos e trejeitos, nos molda dentro de uma matriz, em determinados casos, desconfortável sobre o que dizem sobre nossos corpos e formas de autoplamá-los.

Elementos sensíveis do vestuário

A composição das cores, formas e tecidos vão se formalizando e constituindo, a

partir dos detalhes, o entorno do corpo de Banana. O detalhe, por exemplo, torna-se parte de sua existência. É no detalhe dos adereços estampados nos olhos, dos brincos, do batom e dos demais adereços que possibilitamos potencializar as suas criações.

Fig. 4 Banana em cena final dizendo “Estou pronta”



Fonte: curta-metragem *Banana* (MarvinPareira, Bahia, 2017).

Na provocação da imagem, o espectador é convidado a dividir com a personagem as suas narrativas. Essa luta pelo reconhecimento, enquanto travesti, perpassa muitas vezes a um imaginário de como as percebemos. É importante destacar que esses imaginários podem vir carregados de estereótipos e que, na nossa análise, torna-se ponto chave para refletirmos o modo como a sua autoplasmação está, muitas vezes, apoiada sobre um viés julgador e punitivo. Segundo Mauro Wolf, “os estereótipos são um elemento indispensável para se organizar e antecipar as experiências da realidade social que o sujeito leva a efeito” (WOLF, 2002, p. 91).

É o seu corpo adornado, visto não como fantasia, mas sim por modos cotidianos de vestir, que reveste, justamente, seus modos de ser e estar no mundo. O curta evita que caiamos numa armadilha de perceber o corpo estereotipado. O curta retrata uma vivência. E essa vivência é sentida pelas texturas, cores e as formas que denunciam o que é dito ao corpo; o modo correto de expressar sua roupa.

Ainda que prefira usar o preto, os seus adereços sempre nos apresentam o colorido. Suas unhas vermelhas, seus brincos, sua maquiagem. São esses outros elementos que compõe o seu vestuário que nos atingem como uma chuva de arco-íris. Com seu vestido preto básico e a cada detalhe presente em seus adereços, formas, vão

nos apontando suas marcas e o seu lugar no mundo.

“Cada parte anuncia mais do que ela contém, e essa percepção elementar já está portanto carregada de um sentido” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 24). Nessa passagem de seu livro *Fenomenologia da Percepção*(1999), Merleau-Ponty, nos apresenta que o sentir está ligado a uma dimensão que perpassa o sentir em sua qualidade e ao qual podemos inserir no debate o corpo adornado de Banana nessa dimensão, sobre o que ela provoca e faz sentir. Seja na maneira como somos apanhados/as pelas suas vestes, seja pela confluência que existe em seus gestos, formas de andar, falar, etc.

Fig. 5 Banana ajustando penteado



Fonte: curta-metragem *Banana* (MarvinPareira, Bahia, 2017)

Um corpo que, a cada dia, enfrenta uma batalha. Seu adorno se potencializa enquanto construção sensível de sua identidade negada pela sociedade. Uma verdadeira subversão é imposta quando se sente a sensibilidade dos elementos que compõem a sua aparência e revelam seu lugar no mundo, de modo brilhante, cintilante e qualquer outro adjetivo que a torne um corpo possível em sua humanidade.

Considerações finais

O curta-metragem *Babana*, dentro desse contexto de violência que o corpo trans vivencia, enfatiza as expressões poéticas de um corpo desobediente de gênero e insurgente em suas formas de ser. Um corpo que briga em um lugar altamente opressor sobre o que disseram sobre o seu ser e que, em muitos momentos, diz que aquele modo

de vestir, andar, etc. não lhe cabe.

Mas cabe a nós relutar sobre tais práticas, práticas essas que encaminham o corpo à vigilância e, conseqüentemente, a uma normatização não desejada. Banana nos convida a pensar as diversas vozes, corpos, roupas, que partiram. O curta-metragem engaja-se em uma discussão potente e altamente consciente de visibilidade para pensarmos de que formas nossos corpos estão sendo retratados.

Quando Banana diz ao final: “Estou pronta”, não somente diz respeito a finalização de seu adorno, mas demonstra que sua vida segue com a consciência de ser aquilo que realmente é. Desse modo, deixamos aqui estas considerações, ainda que breves, no desafio de compreensão destes corpos adornados tão urgente e fulcral para manter suas armaduras sempre firmes.

Referências

BANANA. Direção e Roteiro: Marvin Pereira. Produção: Allan da Silva, Vinny Nepomuceno. Brasil, 2017. (8 min), son., col.

BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. IN: LOURO, Guacira Lopes (org.). **O Corpo Educado**: Pedagogias da Sexualidade. 2ª ed. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2000, p. 151-172.

CIDREIRA, Renata Pitombo. **Os Sentidos da Moda**. São Paulo: Annablume, 2005.

DELEUZE, Gilles. Post-Scriptum: sobre as sociedades de controle. *In*: _____ **Conversações: 1972-1990**. São Paulo: Editora 34, 1992, p. 219-226.

ECO, Umberto. O hábito fala pelo monge. *In*: **Psicologia do Vestir**. 2. ed. Lisboa: Assírio e Alvin, 1982.

FOUCAULT, Michel. **O corpo utópico, as heterotopias**. Tradução de Salma Tannus Muchail. São Paulo: n-1 Edições, 2013

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. 13. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2007.

KULICK, Don. **Travesti**: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; 2008. 280 p.

MANSANO, Sonia R. **Sociedade de Controle e Linhas de subjetivação**. Tese de Doutorado defendida na PUC-SP, 2007.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensão do homem**. 14. ed. Tradução de Décio Pignatari. São Paulo, Cultrix, 2005.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. 2. ed. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1999.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. 7. ed. Lisboa: Editorial Presença, 2002.